

Economia Brasil vai pagar a conta da guerra

Conflito puxará cotações do petróleo e taxa de risco de países emergentes, dificultando crescimento

JORNAL DO BRASIL

18 JAN 2003

CRESCIMENTO

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA A1

A invasão americana terá reflexos para toda a economia mundial, dizem os analistas, mas pesará especialmente sobre os países em desenvolvimento, como o Brasil. De acordo com a professora Lia Valls, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, o momento é único porque a Venezuela – terceiro maior produtor da Organização dos Países Exportadores de Petróleo – está com a produção paralisada por conta de uma greve geral que ameaça o governo Hugo Chávez.

Outro resultado desastroso, segundo ela, seria a queda dos investimentos estrangeiros no país.

– Em um ambiente de guer-

ra, os grandes investidores ficam cautelosos e procuram refúgios seguros. Principalmente os países desenvolvidos, que dão muitas garantias – diz.

O ex-ministro da Fazenda e sócio da Consultoria Tendências, Mailson da Nóbrega, acredita que, se a guerra no Iraque se confirmar e for prolongada, dificilmente o Brasil crescerá 1,4%, como ele havia previsto.

– O único país que poderia ter a economia aquecida no princípio de uma eventual guerra seriam os Estados Unidos, pois aumentariam seus gastos públicos – lembra.

O professor do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Geraldo Cavagna-

ri, acredita que a situação brasileira se agravaria ainda mais se os Estados Unidos tivessem de atuar também em outra frente de batalha, como a Coreia do Norte, que nos últimos dias se retirou do tratado de não-proliferação de armas nucleares.

Pior cenário inclui barril a US\$ 80, caso Iraque incendeie poços

– Certamente, o impacto para as nações pobres seria catastrófico, porque a credibilidade delas ficaria ainda mais abalada – afirma.

Analistas consideram que a probabilidade de um conflito rápido no Oriente Médio já estaria embutida nos preços atuais do petróleo, acima dos US\$ 30. Mas há cenários bem mais catastróficos sendo considerados: segundo Robert Ebel, diretor do setor

energético do Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos, de Washington, o ditador iraquiano Saddam Hussein poderia incendiar os campos petrolíferos do país, o que levaria as cotações do barril para US\$ 80 e devastaria a economia mundial.

– Todos pagaremos o mesmo preço. Ninguém está isolado – disse Ebel.

A hipótese de que Saddam incendeie os campos petrolíferos não é remota: líderes da oposição iraquiana sugeriram a mobilização de forças especiais para proteger os poços, lembrando os incêndios provocados durante a retirada das tropas do ditador do Kuwait, durante a primeira versão da Guerra do Golfo, há dez anos.

O ministro do Planejamento, Guido Mantega, em entre-

vista ao jornal inglês *Financial Times* projetou, sem levar em consideração a hipótese de guerra, um crescimento em torno de 3% para o Brasil este ano. Segundo ele, o risco país ficará em torno de 700 pontos em dezembro, contra os quase 1.300 de hoje.

– A partir de um choque de credibilidade e criação de condições de crescimento sustentável queremos uma maior participação privada nos investimentos e criação de empregos – disse o ministro ao *FT*.

Mantega manteve o otimismo em relação à economia brasileira por causa dos recentes sinais de queda da inflação. O ministro prevê ainda que a taxa Selic feche 2003 em 18% ao ano, abaixo, portanto, das expectativas do mercado, que projeta 20%.